

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SABRINA BEZERRA FLORES

Roda de Conversa e Resolução de Conflitos na Educação Infantil

**Porto Alegre
Dezembro de 2010**

Sabrina Bezerra Flores

Roda de Conversa e Resolução de Conflitos na Educação Infantil

Trabalho apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Tania Beatriz Iwaszko Marques.

Porto Alegre
Dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para esse trabalho e para minhas reflexões. À minha avó, minha mãe e meu tio por plantar a semente da conversa em mim. À minha irmã por conversar tanto comigo. Agradeço a todas as minhas amigas e amigos, que ouviram meus desabafos e confiaram-me também os deles, que compartilharam comigo alegrias, tristezas e muita vida. Aos professores e professoras que deixaram em mim alguma marca, que colaboraram significativamente para minha formação.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, que teve Vygotsky e Warschauer como principais aportes teóricos, trata de reflexões referentes à prática pedagógica realizada com uma turma de Educação Infantil, composta por crianças de quatro e cinco anos. A partir das necessidades daquele grupo específico, no qual realizei o estágio curricular obrigatório, e das minhas observações, construí planejamento e prática docente, com foco na *Roda de Conversa*. A *Roda* foi utilizada como objetivo – aprender a conversar - e como objeto – para aprender sobre o que é significativo. Durante minhas ponderações, questões mais profundas apareceram, levando meu olhar para além dos limites da educação infantil, ou seja, incluindo a vida escolar das crianças e sua vida adulta. Estes questionamentos visam a pensar sobre a importância de aprendermos desde cedo a nos comunicarmos com palavras, aprendermos a controlar nossos impulsos por vezes agressivos, aprendermos a nos manifestar, posicionar e expressar sentimentos. Os achados parciais indicam que a Roda de Conversa pode ser um grande auxiliar no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Roda de Conversa; Educação Infantil; Resolução de conflitos.

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇAR, O INDICADOR LEVANTADO.....	6
2. EM PAUTA: A TEORIA.....	8
3. A TEORIA NA PRÁTICA E A PRÁTICA NA TEORIA.....	12
3.1. <i>Roda, para que te quero?</i>	12
3.2. <i>Objetivos – “Finalidades de um início”</i>	13
3.4. <i>Pautas em Roda – “Parque de idéias”</i>	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5. REFERÊNCIAS.....	29

1 PARA COMEÇAR, O INDICADOR LEVANTADO

Desta forma, com meu dedo indicador levantado, peço licença para começar a falar, do mesmo modo que acontece, frequentemente, nas rodas de conversas nas escolas. Essa é uma forma bem comum utilizada para indicar que queremos falar em uma roda de conversa, ou, em sala de aula, uma maneira de fazer uma inscrição, de garantir a participação.

A motivação inicial para realização deste trabalho de conclusão de curso deu-se a partir da execução de um projeto de trabalho realizado durante o estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal projeto utilizou a popular *Rodinha*, da Educação Infantil, com uma configuração voltada exclusivamente à conversa. É comum que esse momento seja realizado no início do horário escolar e que seja utilizado para efetuar a chamada, mencionar o planejado para o dia, ou a rotina, dar avisos às crianças, expor regras e fazer combinações. A ideia de um momento de *Roda* voltado exclusivamente para a ação de conversar surgiu de minhas observações e reflexões, como professora-estagiária, e também da professora titular da turma, que relatava certa dificuldade de resolução de conflitos e relações na turma.

O estágio foi realizado em uma turma de Jardim A, com crianças de quatro e cinco anos. O grupo era composto por dez crianças no turno da manhã e doze à tarde. A instituição de educação infantil oferece turno integral e parcial, é localizada na região central da cidade de Porto Alegre e atende público de classe média e média-alta.

O principal objetivo deste trabalho, que é baseado na reflexão da prática pedagógica, realizada durante o estágio curricular, é verificar a possibilidade do “conteúdo-linguagem” – A roda de Conversa – auxiliar na resolução de conflitos na educação infantil e, por que não?, no decorrer da vida escolar. Conversar parece algo

tão simples, mas pode se tornar difícil, dependendo da rotina diária. Tal objetivo se faz significativo para garantir que a comunicação seja privilegiada e para que possamos ensinar na escola alternativas para resolver disputas, confusões, mal-entendidos, brigas, etc.

No decorrer da busca por referencial teórico encontrei em Vygotsky ideias sobre as interações sociais da psicologia sócio-histórica. E, no livro de Warschauer ideias colocadas em prática, em *Roda* e em *Registro*.

Para o grupo com o qual trabalhei no período de estágio, colocar em prática o projeto sobre *Roda de Conversa* foi imprescindível. Obviamente, todo objetivo tem uma finalidade, mas isso não significa que outras não possam surgir. De uma pequena *Roda*, com crianças pequenas, grandes ideias podem surgir, coisas grandes em importância podem ser conversadas.

2 EM PAUTA: A TEORIA

Durante a busca por autores que já haviam pensado no assunto *Roda de Conversa*, encontrei a significativa obra de Cecília Warschauer: *A Roda e o Registro*. Nesse livro, a autora traz a aplicação de suas ideias em duas turmas de 4ª série, na década de 80. E, embora a autora não tenha trabalhado com turmas da Educação Infantil, seus pensamentos vão ao encontro dos objetivos do projeto para a roda de conversas com a turma de Jardim A, da Educação Infantil, na qual estagiei.

Em sua obra, para falar de Roda, Warschauer (1993, p.47) traz uma espiral com as seguintes ideias (iniciando da parte mais larga para o centro): "Círculo. Símbolo da totalidade. Mandala integradora e igualitária que abole as assimetrias tradicionais entre professor e alunos. Na forma de ovo, a possibilidade de nascimento do GRUPO".

A palavra grupo aparece no centro da espiral, pois é da reunião das partes que nasce o todo, das peculiaridades de cada participante, das relações entre os sujeitos é que nasce o grupo. Em roda, as crianças podem se ver, enxergar uns aos outros como partes integrantes de um todo, de uma turma, de um grupo. Numa roda de conversa, em que se estabelece o diálogo, as crianças, os participantes, podem aprender a olhar uns para os outros como indivíduos, a aprender uns aos outros.

Conforme Vygotsky, as funções psíquicas humanas, como a linguagem oral, o pensamento, a memória, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o cálculo, antes de se tornarem internas ao indivíduo, precisam ser vivenciadas nas relações entre as pessoas: não se desenvolvem espontaneamente, não existem no indivíduo como uma potencialidade, mas são experimentadas inicialmente sob a forma de atividade intersíquica (entre pessoas) antes de assumirem a forma de atividade intrapsíquica (dentro da pessoa). Se a apropriação da linguagem oral, do pensamento, da memória, da linguagem escrita e do cálculo resulta de um processo de internalização de processos externos, então a ação do educador é de suma importância para dirigir intencionalmente o processo educativo (MELLO, 2004, p.138).

A ideia que quero trazer aqui pode parecer muito simples, ou demasiado óbvia para algumas pessoas, mas não podemos pressupor que todos pensem da mesma forma. Ao expormos nossos alunos a momentos, a situações de aprendizagem, estamos oportunizando simplesmente que eles aprendam. Aprende-se a conversar, conversando e, neste caso, quanto mais melhor.

De todas as atividades da sala de aula, a hora da roda pode ser a mais importante, em termos da atmosfera sócio-moral. Para muitos professores, esta também pode ser a hora mais difícil e desafiadora do dia (DEVRIES e ZAN, 1998, p.115).

Durante a rotina diária projetada, a Roda de Conversa pode ser um dos momentos mais importantes planejados. Segundo Junqueira Filho (2008), ela pode, e é um “conteúdo-linguagem” por si só - conversar. Mas, ao mesmo tempo, um possível recurso para explorar outros “conteúdos-linguagem”, pois através dela trabalhamos com organização de regras e combinados, conhecimento de assuntos diversos, desenvolvimento da expressão oral, resolução de conflitos, etc.

O conceito conteúdo linguagem provém do autor Junqueira Filho, autor do livro *Linguagens Geradoras – Seleção e articulação em educação infantil*, proposta que utilizei durante a execução do projeto de estágio curricular. Nessa obra, ele apresenta uma nova leitura do conceito de linguagem, fala sobre conteúdos programáticos mais significativos para crianças na educação infantil e como descobri-los, planejando. A proposta divide planejamento em duas partes, dois momentos. O primeiro momento diz respeito ao que a professora planeja antes de conhecer seus alunos, a partir de suas crenças, essa parte é denominada parte cheia do planejamento. O segundo momento é planejado a partir da interação da professora com as crianças da turma, ela é intitulada parte vazia do planejamento, pois inicialmente fica em branco, a espera dos alunos. O planejamento do meu estágio foi de parte vazia, foi de escolha intencional do professor, mas ocorreu após a chegada das crianças, após observá-los e interagir com eles.

O professor exerce o papel de moderador, de coordenador da roda, com o objetivo de ensinar a estrutura e as regras de funcionamento da roda de conversa, garantindo, também, que todos tenham voz e vez de expressar seus pontos de vista, suas vivências, suas histórias, suas perguntas; que sejam ouvidos; que esperem em silêncio sua vez de falar, prestando atenção no que os demais interlocutores estão dizendo e, além disso, contribuir, também ele, professor, para o prazer e o interesse pela conversa, pelos diversos assuntos e pontos de vista de que ela é feita.

As conversações favorecem, portanto, a abertura a encaminhamentos que puderam ser traduzidos em atos. Nesse sentido, é importante destacar a importância da dinâmica trazida pela palavra, pois ela vivifica as relações, possibilita mudanças, remete a outras palavras, posições e lugares (MRECH e RAHME, 2009, p.301).

Através da conversa e após a conversa, colocamos a palavra em ação, as interações e relações podem ser modificadas, a resolução de conflitos e desentendimentos também. Quando priorizamos a comunicação através da linguagem oral são visíveis as mudanças através das outras linguagens utilizadas também para se comunicar. Esse aprendizado é uma construção, e, com o tempo e exercício da palavra, as crianças vão aprendendo a manifestarem-se e vão construindo o aprendizado de que isso é significativo para os outros ao seu redor e para si próprias.

É instigante repensar nas várias dimensões do pedagógico no processo de escolarização de uma multiplicidade de 'infâncias', uma vez que cada criança é proveniente de um meio sociocultural concreto, com uma bagagem prévia de conhecimentos originários da cultura vivida por ela, parte de uma memória individual e ao mesmo tempo coletiva (HICKMANN, 2002, p.11).

Pensando na diversidade de cada um e no universo que pode surgir a partir da junção e interação do grupo que se forma em uma turma, o desenvolvimento de cada um só ganha espaço para acontecer. Contudo, esse espaço deve ser oportunizado e tratado com atenção e aí está a importância do papel do professor.

Uma característica do que estou denominando de Roda é reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de uma espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta e criam-se significados comuns, às vezes até uma linguagem própria (WARSCHAUER, 1993, p.46).

É do entrelaçamento dos significados e significantes de cada um que se criam as identidades individual e de grupo, criam-se as identificações, as relações. Toda relação possui, em algum momento, conflitos, desentendimentos, afinal somos todos diferentes uns dos outros, então se fazem necessários os acordos e combinados. O diálogo se faz necessário. Aprender a dialogar se faz necessário para ser uma alternativa de comunicação.

Ainda, segundo Matins (1997, P.116), na perspectiva sócio-histórica os seres humanos estão em constante construção, a partir das interações que vivenciam em sociedade modificam os significados e acordos da própria. Logo, educação e aprendizagem são construções. Nós nos constituímos a partir de tudo que nos rodeia.

Inclusive, no decorrer da pesquisa bibliográfica que realizei, encontrei um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia de título: *Roda de Conversa: Trabalhando temas emergentes na EJA*. Esse trabalho evidencia como o ser humano necessita ter suas vivências consideradas em todas as idades. O indivíduo que está em sala de aula, de qualquer idade cronológica, é cheio de vida e carrega consigo o seu histórico da mesma, não só o escolar. Portanto não pode ser descolado de sua vida fora da escola, tudo que acontece fora dela contribui ou não para o que é planejado dentro dela.

3 A TEORIA NA PRÁTICA E A PRÁTICA NA TEORIA

Neste capítulo irei abordar as questões sobre meu projeto de estágio: *Roda, para que te quero?* Seus objetivos e as pautas que foram utilizadas durante o período de prática.

3.1 Roda, para que te quero?

O projeto *Roda, para que te quero?* se fez necessário para apresentar às crianças do grupo com que trabalhei durante o estágio obrigatório uma nova estratégia de comunicação: conversar. Além de possibilitar o aprendizado de uma nova estratégia, possibilitou também o aprendizado de um novo conteúdo-linguagem: a conversa.

Aprender a conversar foi preciso para auxiliar o desenvolvimento social dos alunos com que trabalhei, visando à melhoria na qualidade das relações entre as crianças, principalmente no que dizia respeito à resolução de conflitos entre elas. É importante que as crianças desenvolvam a habilidade de dialogar para que consigam expor aos colegas seus sentimentos, suas vontades e seus pensamentos através da fala.

Pensando dessa forma, torna-se indispensável que as crianças tenham, dentro da rotina, um momento em que tenham liberdade para conversar, para se expressar através da fala, para aprenderem a conversar e se aprenderem na relação com a conversa. Para que dessa maneira tenham a certeza que são ouvidas, que suas falas e contribuições são significativas, merecem atenção.

Nesse sentido, creio ser de extrema importância que nós, futuros professores, e aqueles que já o são, vejamos nossos alunos como indivíduos, que, mesmo com pouca idade, já têm consigo uma bagagem de vivências, de pensamentos

e que podem, sim, participar ativamente de uma roda de conversa. É preciso conversar para aprender a entender, compreender o outro, e, dessa forma, a si mesmo. Também na conversa é necessário aprender a calar para ouvir, prestando atenção no que os outros têm a dizer, para depois contribuir com as suas próprias falas no diálogo. Isso vale para educador e educando, pois, através da conversa, podemos conhecer muito mais sobre nossos alunos, aprender seus jeitos, modos, etc.

A ideia principal do projeto era criar uma roda de conversa, para as crianças e das crianças, oportunizando momentos em que elas pudessem dialogar, trocar opiniões, compartilhar suas ideias, seus pensamentos, contar o que acontecia e o que já haviam vivenciado. Proporcionar reflexões e conversas sobre essa multiplicidade, as diferenças e semelhanças entre a turma tornou-se a intenção da minha prática pedagógica. Os assuntos das pautas eram diversos, assuntos esses pré-selecionados por mim, professora-estagiária, com o objetivo maior de incentivar a comunicação verbal oral entre as crianças e entre as crianças e as professoras, e a troca que isso proporciona.

3.2 Objetivos – “Finalidades de um início”

Enxergo objetivo como aquilo que nos dá o impulso inicial e não nos deixa perder o foco, mas não nos limita, ou nos prende. Finalidades aqui têm sentido de intenções, nesse caso intenções de um começo, pois, a partir dos objetivos iniciais, novos também podem surgir.

A priorização desse conteúdo-linguagem (conversar) e, conseqüentemente, do projeto de trabalho a ele relativo, dentre os demais conteúdos-linguagens possíveis de serem trabalhados, deu-se a partir da observação das formas recorrentes de resoluções de conflitos por parte das crianças, que, na maioria das vezes, se dava com tapas, empurrões, beliscões e até mordidas.

Além disso, notei que nos momentos de lanche e almoço existia uma grande vontade, acredito que uma necessidade das crianças, de conversarem e terem um espaço para isso, pois os momentos destinados às refeições não são vistos por grande parte das instituições como um espaço importante de socialização. Tais períodos representam apenas “a hora de comer”, são partes integrantes de uma rotina organizada a partir de horários calculados, portanto devem ser realizados dentro de seus prazos, para que não ocorram atrasos em relação a outros grupos de crianças que também partilham o mesmo refeitório, por exemplo.

A partir da fala da professora titular, que relatou perceber uma dificuldade de relacionamento da turma, havendo brigas, disputas por brinquedos, agressões e choros devido a desentendimentos, concluí que essa turma necessitava aprender a se comunicar, expressar através de palavras o que sente. As crianças precisavam compreender que podemos utilizar o diálogo como estratégia para, entre outras coisas, resolver o que nos desagrada. Percebi, também, que havia carência de momentos em que as crianças pudessem conversar, expor suas idéias, demonstrar o que sentem e pensam.

Os principais objetivos da *Roda de Conversa*, cá listados, são apenas impulsos para iniciar fazer a “roda girar”, ganhar corpo e vida, a partir deles outros podem e devem surgir. Explorar os sentidos da conversa e de conversar: para comunicar-se, para compartilhar suas vivências, seus assuntos prediletos, para conhecer coisas novas, ouvir e contar fatos importantes e coisas engraçadas, para solucionar conflitos, etc; Estimular o descentramento e o exercício de colocar-se no lugar do outro, a partir do conhecimento e respeito à estrutura e às regras de funcionamento da roda de conversa: estar atento à coordenação da roda, ter garantida a sua vez de falar, ouvir o outro, dar sua opinião, administrar diferentes pontos de vista, etc; Estimular o prazer de conversar, para que descubram mais um meio de se expressarem; Desenvolvimento cognitivo e social, através da expressão oral; Instigar o pensamento e sua organização, também como a reflexão, através do diálogo, a partir

de pautas pré-estabelecidas no início da Roda de Conversas; Auxiliar na desenvoltura ao falar perante um grupo, expondo suas ideias com gradativa clareza e autonomia; Valorizar a relação de comunicação entre adulto-criança, criança-criança, criança-ambiente, para ampliar o conhecimento da criança sobre si mesma, sobre os outros e sobre o mundo que a rodeia.

Para avaliação desses momentos de conversação foi utilizado um “Roteiro de Observáveis da Roda de Conversa”, elaborado por mim, com contribuições de minhas colegas de grupo de estágio curricular. Além das observações da Roda, as interações de modo geral também foram analisadas, visando a verificar os possíveis avanços individuais e de grupo.

A lista de observáveis para a *Roda de Conversa* era basicamente composta de perguntas. Questões estas que auxiliaram o fazer da *Roda*.

LISTA DE OBSERVÁVEIS PARA O PROJETO RODA DE CONVERSA:

-De que forma os alunos participam das rodas? Quem fala, fala para todos ouvirem? Fala somente para a professora? Fala só para um colega, ou grupo? Fala para si mesmo?

-É necessário que a professora requisite a participação de alguém durante a roda? Em outros momentos da rotina esse aluno também participa pouco ou somente nesse momento?

-É necessário que a professora intervenha para alguém ser ouvido?

-Algum aluno pede para que prestem atenção no que ele está falando?

-O aluno consegue falar e ouvir os outros depois do que falou, ou perde o interesse e se dispersa após falar?

-Contribui com o assunto que está em pauta, ou foge do assunto?

-Trazem contribuições suas, ou repetem a fala de outro colega?

-Conseguem ouvir os colegas? Aguardam sua vez de falar?

-Quais conflitos surgem durante a roda? Ocorrem disputas pela palavra?

-Como as crianças se expressam através da linguagem verbal oral nesses momentos: Possuem um vocabulário variado? Como é o tom de voz? Narram acontecimentos, vivências em uma sequência lógica?

-Por quais assuntos as crianças demonstram maior interesse, motivação para falar, dar opiniões, idéias?

-Elas sentam na roda do lado de quem? Variam ou sentam sempre do lado dos mesmos colegas? Quem são esses colegas? Isso influencia na participação, concentração, atitudes delas nesses momentos?

Através desses questionamentos constantes, me oportunizei refletir sobre minha própria prática durante o decorrer da mesma. E procurei focalizar meu olhar no que era mais significativo.

3.3 Pautas em Roda – “Parque de Ideias”

A expressão “parque de ideias” surgiu a partir da pauta sobre “*Roda de Conversa*”, apareceu como ideia para o nome desse momento, desse espaço, nome da nossa roda de conversa. Foi dito por uma das meninas da turma.

A roda com essa configuração foi realizada ao menos uma vez por dia, de segunda-feira a quinta-feira. Localizou-se no espaço destinado à roda dentro da sala de aula, ou em outro espaço da mesma. Também foi cogitada a possibilidade de ser realizada na ludoteca, ou em um dos pátios, dependendo da pauta e das condições climáticas do dia, mas isso não aconteceu.

Os assuntos em pauta foram pré-selecionados e funcionaram como pontos de partida para o início da conversa. O professor atuou no papel de moderador e coordenador, com o objetivo de garantir o espaço individual e a organização das rodas de conversas, alimentando também os diálogos, participando, dessa forma, ativamente da roda de conversa. Partindo de um referencial, pudemos colocar a palavra em ação, realizando trocas e caminhando por assuntos diversos.

Com relação à viagem e ao retorno da praia das colegas Ana¹ e Bruna foram feitas as seguintes questões: Quem já foi para praia? O que comemos na praia? Que animais existem no mar? Alguém tem perguntas para as colegas?

Sobre animais de estimação: Que animais podemos ter em casa? Quem tem um bicho de estimação? Qual seu nome? Seu tamanho? Sabe sua idade? Alguém sabe o que comem os animais de estimação?

¹ Os nomes utilizados na descrição são fictícios.

A pauta sobre Brincadeiras buscou trazer perguntas que integrassem a turma. Ao final da Roda, cada um deu a sua ideia de brincadeira em que todos pudessem participar. Que brincadeiras podem envolver toda a turma? Existem brincadeiras só de meninas, ou só de meninos? Brincar com alguém é melhor que brincar sozinho? Por quê?

Referente à *Roda de Conversa* foram levados a opinar. O que acharam desse espaço para conversar com os amigos/colegas? Alguém tem ideias para a roda? Um nome diferente para ela? Temos que ter alguma combinação para a roda? Além dos combinados anteriores: de levantar o dedo para falar e ouvir os colegas.

Relativo ao Final de semana, tais questionamentos foram feitos: O que fizeram no final de semana? Foram a algum lugar? Qual? De carro, de ônibus, a pé? Encontraram alguém? Quem?

A propósito de Desenhos Animados: Que desenhos gostam de assistir? Quais os nomes dos personagens? O que acontece no desenho? Lembram de algum episódio? Em que momentos assistem? Comem durante esse momento? O que? Alguém assiste junto?

Um dia após a pauta de desenhos, conversamos sobre personagens, dando uma espécie de seguimento ao assunto. Se pudesse ser um personagem, um bicho, um super-herói, personagem de desenho animado, qual seria? Por quê? O que esse personagem faz? Como se veste?

Com referência à relação de amizade, fizemos a pauta sobre amigos, questionando: Quem são teus amigos? Tem amigos de outra turma? Tem amigos fora da escola? O que gosta nos teus amigos? Podemos dizer não para nossos amigos? Podemos gostar de coisas diferentes e ainda sermos amigos?

Para falar sobre vestuário foi perguntado: que roupas usamos no inverno? Que roupas são de usar no verão? Existem roupas somente de meninos e roupas de meninas? Quem escolhe tuas roupas? Existe alguma que goste mais?

Relacionado à alimentação foram utilizadas as perguntas: O que são alimentos saudáveis e não saudáveis? O que mais gosta de comer? O que não gosta? Come coisas que não gosta? Por quê? Tu escolhes o que comprar para comer? Existe alguma coisa que não possa comer? Por quê? Come a mesma coisa que comia quando era menor?

Sobre a escola: O que mais gosta na nela? O que não gosta? Qual o lugar na escola que prefere? Mudaria alguma coisa na escola? O que? Se pudesse dar um presente para ela, o que daria?

A pauta sobre estações do ano iniciou com: O que é uma estação do ano? Sabem quantas existem? Quais? Conhecem as características do verão, outono, inverno e primavera? O que acontece de diferente em cada uma delas? Quanto tempo duram? Elas te despertam algum sentimento? Qual?

Com relação aos seus lares, fizemos a Roda sobre lar: onde vocês moram? É uma casa ou apartamento? Quem mora junto contigo? O que tu mais gostas de fazer em casa? Por quê? Qual parte da casa mais gosta de ficar? Por quê? E qual lugar não gosta? Por quê? Já morou em outro lugar?

Referente à profissão as perguntas foram: O que tu queres ser/fazer quando crescer? Dependendo da resposta: qual profissão/ no que quer trabalhar? Por quê? Conhece alguém que faça isso? Quem? Sabe o que se faz nessa profissão?

No dia da pauta sobre Lugares, levei para a sala de aula um globo terrestre, para possibilitar que todos o pegassem. O objetivo era trazer algo concreto para falar de um assunto talvez muito abstrato. Perguntei a que lugares já foram. Com quem? Se

fazem viagens sempre? Quando? Pra onde? Que lugar mais gosta no mundo? Algum lugar que gostaria de conhecer?

O assunto reunião foi conversado num dia que haveria uma reunião de professores. As principais questões foram: O que é uma reunião? Quem participa de reuniões? O que se faz em uma reunião? O que se conversa? Tu fazes reunião? Se sim, com quem? Estamos fazendo um tipo de reunião na roda de conversa?

Sobre sentimentos, as questões norteadoras foram: O que é sentimento? Vocês já pensaram o que faz a gente ou alguém chorar? Quando vocês choram? Por quê? Somente crianças choram? Quem mais? O que fazem para parar de chorar? E quando estamos felizes, dá vontade de que?

Para falarmos de “pum”, iniciamos com: Pum tem cheiro? É cheiroso, ou fedorento? Faz barulho? Que barulho? Existe pum sem barulho? Existe pum sem cheiro? Já pensaram como se forma o pum, de onde ele vem? Quando soltam pum? Quem solta?

Com referência à história preferida, as principais perguntas feitas foram: Vocês têm alguma história preferida? Quem contou? Onde? Lembra como estava? Sentado, deitado? Já ouviu ela mais de uma vez? Se sim, quando gosta de ouvi-la? Como se sentiu ao ouvir? Todo mundo pode contar histórias? Gosta de contar histórias?

Para conversarmos sobre minha despedida, iniciei com: O que é uma despedida? Vocês já se despediram de alguém? Também conversamos sobre estágio. Eles votaram o que iriam registrar no calendário no dia da minha despedida, a votação tinha duas opções, sugeridas por eles. Uma era desenhar uma mão “de tchau”, a outra era me desenhar, e ganhou o desenho da mão.

Relacionado ao momento preferido, eles foram solicitados a levar uma foto, escolhida por eles, para ilustrar seu momento predileto. As questões eram: Qual a história da tua foto? Por que escolheu a foto? O que aconteceu contigo na foto?

Sobre: “O que eu fazia quando eu era menor”. Quando vocês eram mais novos, eram o que? O que comiam? Com o que brincavam? O que faziam? Dormiam mais? Choravam mais? Lembram de que?

No dia planejado para a pauta deles, questionei o que queriam conversar. Perguntei se desejavam contar alguma coisa, se havia algo que queriam falar.

Durante a execução das pautas planejadas, alguns momentos de *Roda de Conversa* foram observados por profissionais da educação, meu orientador e outros – prática obrigatória no estágio obrigatório curricular. E algumas conversas foram registradas sendo que irei descrever três *Rodas*.

Em dezoito de maio a pauta era alimentação. A pergunta inicial foi proposta para iniciar a conversa por mim, professora-estagiária. A pergunta era: “O que são alimentos saudáveis?” Julio disse: arroz e feijão. Surgiu na roda também bolinho de espinafre. Marcos também disse que come isso. Julia falou que tem horta em casa e começou a contar uma história de que a Lebre roubou a cenoura da horta, mas não sabia de onde era essa lebre. Sara disse que são frutas e que não gosta de comer chocolate. Julio disse que também não gosta de chocolate, mas ninguém acreditou, pois os colegas sabem que na verdade ele não gosta é de frutas. Duas crianças chegam e os colegas explicam o assunto da roda, a pedido da professora - alimentos.

Ainda sobre o tema alimentação, após a pergunta sobre “comer a mesma coisa que comiam quando eram bebês” responderam que não, pois antes a comida era banana esmagada, sopinha, papinha, mas agora que cresceram não comem mais. Em seguida de “tomam mamadeira?” se fez silêncio. Julia teve coragem e disse que tomava ainda, aí todos responderam que sim.

Quando a pergunta foi “Quem vai ao supermercado?”, As crianças responderam que sempre vão junto ao mercado, e lembraram que seus pais fazem listas para não esquecer nada. “Algum de vocês escolhe as coisas no super?” Sara diz que pede chá e milho verde e Julio pede queijo, bolacha, pão, galinha, arroz e feijão.

Ao serem questionados se “Tem algo que vocês não podem comer?”, Ana disse que a mãe às vezes não a deixa comer batatas fritas, porque no almoço ela só quer comer batatas fritas. Bruna diz que quando vai ao supermercado leva uma carteira que tem com moedas. A maioria disse que também tinha uma carteira e descreveram as suas. Após a retomada do assunto pela professora. Julio disse que não pode comer muito arroz e feijão senão engorda. Sara disse que a mãe não lhe deixa comer carne bem vermelha, mas o pai deixa. Milena disse que a mãe só lhe deixa comer pastel na janta e ela queria comer no almoço também.

A professora vai encaminhando o término da conversa, questiona se alguém quer falar mais alguma coisa. Julio disse que tem carteira com dinheiro, identidade e as fotos dos pais. Bruna disse que tem carteira de identidade, mas sem sorrir. Marcos disse que a mãe dele não lhe deixa dirigir, mas ele já tem identidade e o pai o coloca na frente para dirigir. Anderson disse que o pai não lhe deixa comer hambúrguer do Mc donald’s, mas não sabe porquê. Ana disse que comeu pimenta e que ardeu a boca dela, teve que tomar água. Anderson perguntou se não saiu fogo da boca dela e a resposta foi negativa.

Bem como as outras pautas, essa, sobre alimentação, buscou questionar as crianças, instigando seu pensamento. Para que, dessa forma, expusessem sua “bagagem”, aquilo que já sabem e conhecem, já experienciaram, que pode fazer parte de sua rotina. Julio, por exemplo, era a única criança na turma que não comia frutas e as crianças lembraram disso, logo após um comentário seu. Podemos ver nessa descrição que assim como em uma conversa entre adultos, um assunto puxa outro, como quando Julia fala de sua horta e da lebre. Ou quando falam em carteira, que está

relacionado com ir ao supermercado e pagar as compras que foram feitas. E logo em seguida outro fala em carteira relacionando a sua carteira de identidade.

Uma semana depois a pauta era sobre o que eles queriam ser quando crescer. Julio disse querer ser pintor de “tudo” e jornalista do jornal nacional, falou do pintor Monet. Milena primeiro disse querer ser dentista, depois disse médica porque seu irmão vai ser médico. Questionei se sabia o que o médico fazia, respondeu que ele cura. Disse que tomava sopa no médico. Algumas das outras meninas fizeram perguntas a Milena. Marcos quer ser médico de pessoas e de cachorro. Algumas crianças explicaram para Marcos que veterinário não cuida só de cachorro, cuida de todos os animais. Ele aparentou ficar um pouco sem graça após as explicações. Anderson contou que já foi numa praia onde ficavam de pipi de fora. Mas ninguém deu atenção, continuaram conversando sobre a pauta. Bruna quer ser médica de todo corpo também. Anderson solicitou a palavra novamente e disse que quer ser policial, pois quer prender os inimigos da cidade, os ladrões. Ele quer conhecer a cadeia. Falou que iria se comunicar pelo rádio com os colegas policiais. Bruna disse que não quer ser gente grande, só criança, mas não soube, ou não quis dizer o motivo. Sara quer ser médica porque tia avó dela é médica. Ana quer ser costureira de roupas de crianças. Mariana quer ser desenhista e médica de uma parte do corpo, só do ouvido, porque pode ter muita cera no ouvido e dar dor de ouvido, também quer ser desenhista. Ela quer ser conhecida no mundo todo, quer desenhar corpo de pessoas, castelos, mas vai ser desenhista de papel. Julio disse que a professora iria ser uma princesa quando crescesse. Comentei que eu já era crescida e que estava estudando para ser professora.

No início do mês de junho, uma das pautas foi sobre “pum”. Após o anúncio da conversa do dia, risadas foram dadas. Para começar o diálogo, questionei “o que é pum?” Julio diz que quando vai fazer cocô sai um “peidinho” dentro do vaso, que também acontece na casa da sua avó e no banho, mas não sabe porquê. “De onde vem o pum?” Mariana diz que vem do pulmão; Anderson fala que é da bunda. Julia disse que a barriga avisa quando vai sair um pum, pois sente uma dor na barriga.

Contou que a mãe disse que o pum era um gás e que a mana soltou um monte de puns na cara da prima.

Ainda na mesma temática, quando questionados se “Pum faz barulhos?”, Julia disse que faz barulho, barulho de tambor. Mariana imitou um som pela boca, Marcos disse que existe pum sem barulho e soprou. Julio comentou que sua avó é gordinha e solta um monte de pum. Expliquei a origem do “pum” em nosso organismo. Perguntei se pum era fedorento e todos quase em coro responderam que sim. “Alguém segura seu pum?” Anderson respondeu que não consegue segurar, foi o único a dizer isso. Julia falou que às vezes, quando segura muito o pum, na hora de sair ele não sai. “Somente as crianças soltam pum?” Foram respondendo que os pais também soltam, avós, tios, primos e as professoras. Anderson disse que sua irmã pequena solta pum. Julia disse que todas as pessoas soltam pum porque todas as pessoas comem, em tom de obviedade. Milena falou que quando passam perfume no ar o pum fica mais fedorento. Mariana comentou que os cachorros também soltam pum.

Essa última pauta descrita foi uma das pautas em que as crianças se divertiram bastante com os comentários de cada um. Pude perceber durante o projeto assuntos que eu denomino mais concretos e mais abstratos. Esse assunto seria concreto, por fazer parte do universo deles, ou podemos dizer que mais próximo de seu cotidiano. Um exemplo de conversa que eu julguei mais abstrata, ou distante deles, seria a sobre profissões, sobre o que queriam ser quando crescer. Muitos nunca haviam falado sobre isso e acabaram repetindo a “escolha” do colega sentado ao seu lado. Normalmente, aquelas rodas sobre assuntos concretos para eles duravam mais tempo, pois as crianças tinham mais a compartilhar.

Creio que os dois tipos de assuntos são pertinentes e ricos, tanto os concretos, quanto os abstratos. Em um partimos da experiência e em outro oportunizamos experiência, com o mesmo objetivo, que saberes surjam, ou que sejam nutridos.

Pensando em repetir a fala do colega ao lado, tracei estratégias de ordem de fala. A inscrição combinada era “fala primeiro quem levanta o dedo”. Mas por exemplo, duas crianças se inscreveram ao mesmo tempo, levantaram o dedo juntas. A ‘escolha’ era minha, como professora e coordenadora da *Roda*. Eu buscava então deixar falar primeiro quem costumava imitar a fala de alguém, oportunizando que ele pudesse pensar a partir de suas vivências. Isso era possível, pois eu me mantinha atenta e observava a dinâmica daqueles momentos.

Sempre procurei mostrar que prestava atenção a seus comentários, participações e aos acontecimentos na turma, valorizando isso dessa forma. Após o comentário de Julio na segunda pauta descrita, questionei se Monet era um dos pintores que estavam estudando no outro turno. E a maioria das crianças respondeu que sim e mencionaram os outros pintores estudados. Outra situação que passou a acontecer foi das crianças por vezes chamarem a atenção de um colega quando ele estava repetindo um comentário, demonstrando prestar atenção. Eles também passaram a fazer perguntas a quem estava falando, inicialmente questionavam algo que já haviam me ouvido perguntar e, com o passar do tempo, coisas que queriam saber.

Foi interessante observar esse movimento, eles aprenderam a dinâmica da *Roda de Conversa*. Aprenderam que também poderiam fazer as perguntas que quisessem aos colegas que estavam com a palavra. Ou que poderiam fazer comentários sobre a fala do colega. E por no mínimo três vezes ouvi “tu já falou isso”, de uma criança para outra, que demonstra que quem escutava também estava prestando atenção. Obviamente, nem todos aprenderam da mesma forma, ou estavam no mesmo nível, mas todos os avanços eram significativos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intitulo esse capítulo como considerações finais, mas creio, após este trabalho de reflexão, que existem infinitos assuntos para *Roda de Conversa*. Durante o planejamento dos momentos de Roda os questionamentos sobre a necessidade de fazer as crianças conversarem foram inúmeros e por parte de inúmeras pessoas.

Após responder sobre a temática de meu projeto de trabalho de estágio, sempre tive de explicar o significado do mesmo. Esclarecer que ele não tratava somente de explorar a oralidade, mas de ensinar a conversar, ensinar uma alternativa de comunicação. Por que isso era necessário? Porque crianças também se comunicam com choros, olhares, empurrões, entre outros. Mas era significativo que conhecessem outra forma. Confesso que depois de responder até ficava um pouco chateada, pois aparentemente causava estranheza. E até cheguei a ouvir da professora titular da turma a seguinte pergunta: “mas o projeto vai ficar só na conversa?”, ao meu ver, questionando a validade do mesmo.

E sim, o projeto foi sobre conversa e se focou nela. Para muitas pessoas aparentemente colocar em prática a ação de conversar é fácil. Classificamos algo de fácil quando temos domínio sobre, quando sabemos fazer. Entretanto, onde e quando aprendemos a conversar atualmente? Em casa, onde é comum que cada familiar faça sua refeição em frente à televisão, em momentos diferentes? Onde é cada vez mais normal que cada um tenha sua rotina própria, para trabalho, estudo, alimentação. Isso quando a criança permanece em casa, pois muitas crianças ficam em período integral em escolas e creches e já vão para seus lares com a última refeição feita. Os pais levam para casa, dão banho e colocam para dormir. Para muitos não há escolha nisso, precisam que seus filhos fiquem em turno integral na escola, pois precisam trabalhar. Delegam às instituições de ensino a educação e criação das crianças. Raciocinando rapidamente, podemos pensar em uma terceirização da “educação que vem de casa”. Mas então será que o local para aprender a conversar é somente nas escolas?

A escola é sim o local onde muitas crianças passam a maior parte dos seus dias. É comum que no ambiente escolar existam horários quase que cronometrados para tudo na rotina. Forma encontrada para organização das instituições. Contudo, para muitos educadores a conversa atrapalha na execução da rotina. E isso cresce com o ser humano na vida escolar.

Prática que também é comum observarmos de professores é ouvirmos a seguinte orientação: “vai lá e conversa com teu colega”. Qual o significado dessa indicação quando não se sabe o que significa isso? E a resposta óbvia para essa pergunta é: nenhum. Aprendemos a dialogar, dialogando. Se eu tenho uma turma em que agressões são freqüentes e eu diagnostico que o problema está nas relações eu deveria questionar o tempo dedicado às interações? Também me questionei se existem pessoas que acham que crianças não têm o que falar e acho que sim. Muitos educadores acham que se aprende em silêncio absoluto.

Após a ação-reflexão em que foi constituída minha prática pedagógica de estágio curricular e, a reflexão após essa ação, creio que posso considerar indispensável para o desenvolvimento discente e docente a conversa. A conversa entre as crianças, entre crianças e professores. Para promover a comunicação, a interação. Para promover o aprendizado da simbolização, da expressão de sentimentos, o exercício de nos colocarmos no lugar do outro. Necessários para termos autocontrole, para controlarmos nossos impulsos, para nos manifestarmos de forma construtiva.

Refletir sobre conversar. Conversar sobre refletir. Isso está em círculo, me questiono onde é o fim, onde é o início? E eu faço questão de registrar que também aprendi nas conversas com os pequenos, eu pude os aprendê-los, conhecer muito sobre eles. Creio que por estar com meu olhar mais atento para tanto, conheci o modo de cada um deles, características de ser, de falar, de agir, de reagir. Conhecer o outro facilita a interação, facilita a mediação. Se não há conversa, se não ocorre troca, como eu “aprendo” o outro e o outro me aprende?

A prática de reflexão é algo contínuo, depois que aprendemos, sempre encontramos algo para ser repensado, recapitulado, ainda que seja a reflexão da reflexão. Mesmo possuindo um final – aparente. Este trabalho de conclusão pode continuar, ele é referente a inquietações, reflexões, interações, relações, conflitos, tudo que normalmente acontece em sala de aula e na vida.

REFERÊNCIAS

DEVRIES, Rheta e ZAN, Betty. **A Ética na Educação Infantil**: o ambiente sócio moral na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HICKMANN, Roseli Inês. Ciências Sociais no Contexto Escolar: Para Além do Espaço Tempo. IN: (Org). **Estudos Sociais: Outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002. P.10-19.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. Série Idéias n. 28, São Paulo: FDE, 1997. P. 111-122.

MELLO, Suely Amaral. A escola de Vygotsky. IN: (Org) CARRARA, Kester **Introdução à Psicologia da Educação: Seis Abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004. P. 135-155.

MRECH, Leny e RAHME, Mônica. A Roda de Conversa e a Assembléia de Crianças: A palavra líquida e a escola de Educação Infantil. IN: **Educação em Revista**. Vol 25, Número 01, Abril 2009. Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Roseli Bueno da. **Roda de Conversa: Trabalhando Temas Emergentes na EJA**. Porto Alegre, 2009. Trabalho de Conclusão. Faced/UFRGS.

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro** – Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.